



OLIMPÍADA DE FILOSOFIA EM PAQUETÁ:

Contraposição prática ao Novo Ensino Médio

Leonardo Couto
PPFEN-CEFET/RJ

RESUMO: Neste ensaio se confronta a experiência da Olimpíada de Filosofia do Estado do Rio de Janeiro, centrada sobretudo numa de suas edições, a sétima, que aconteceu em 2019 em Paquetá, com a experiência para a qual aponta a Reforma da educação básica brasileira e em especial o seu Novo Ensino Médio. A hipótese deste texto é que a Olimpíada se apresenta como frontalmente contrária à educação neoliberal ensejada pelo Novo Ensino Médio, apresentando um caminho alternativo a este.

Palavras-chaves: Olimpíada de Filosofia; Paquetá; Educação; Ensino Médio; Neoliberalismo.

ABSTRACT: The aim of this essay is to confront the experience of the philosophical olympics of the Rio de Janeiro state with there form of basic education in Brazil. To do this, we will focuson its 7th edition, which took place in Paquetá, in 2019. The hypothesis of this text is that philosophical olympics represents a completely opposite alternative to the neoliberal education desired by the New High School in Brazil.

Keywords: PhilosophicalOlympics; Paquetá; Education; High School; Neoliberalism.

Introdução

Durante um bom tempo tentei compreender e classificar o que é isto, a Olimpíada de Filosofia do Estado do Rio de Janeiro – primeiro de fora, depois como participante. É um hábito comum que adquirimos quando nos familiarizamos com a pesquisa em filosofia: buscamos conceituar fenômenos, discorrer sobre suas partes constituintes, suas nuances, estabelecer as relações entre elas, buscamos contextualizar estes fenômenos com o universo que o cerca, classificá-los, ordená-los, visamos, em suma, compreendê-los ou, quem sabe, exercer sobre eles o nosso domínio.

Não poderia ser diferente com este acontecimento, com esta coisa, a Olimpíada de Filosofia do meu Estado. Ainda antes de me envolver e ser envolvido por ela, esta olimpíada me parecia até algo de muito simples compreensão: era só mais um exemplar das várias olimpíadas que temos dos componentes do currículo escolar já consolidado, tal como as Olimpíadas de Matemática, de Física, de História... e de longe, sem conhecê-la, avaliava-a, confesso, como inadequada, não atrativa, e até mesmo infeliz, por crer que ela reforçasse para mais este componente escolar a cultura da competição, com distribuição de medalhas de ouro, prata e bronze para poucos e de decepção para muitos. De longe, pensava: “é mais um espaço onde se deturpa o papel da escola, estimulando, no lugar da construção coletiva de conhecimentos, o individualismo, a busca ilusória pelo sucesso individual, só que desta vez usando como meio a filosofia”. Pensava isso de longe e de longe me mantinha. Já entendia, afinal, com toda clareza, o que era esta tal de Olimpíada de Filosofia do Estado do Rio de Janeiro.

Até que finalmente em 2017 fui a uma Olimpíada de Filosofia. Foi a sua 5ª edição, a que se deu em Petrópolis. Vi e logo entendi que esta Olimpíada era diferente, não tinha competição. Tinha era um monte de gente, professora, professor, aluno, aluna, transeunte, todo mundo sentado no chão de uma praça conversando, debatendo. Não era competição, era outra coisa: era filosofia? Era bem emocionante, muito forte! Mas não só, era mais. Mais o quê? Nem sei dizer. No primeiro dia, no primeiro encontro, já entendi que não havia entendido nada desde o início. Pois agora sim, precisava entender tudo de novo, agora diferente, com calma e cuidado. Afinal, tento ser filósofo, meu trabalho é buscar alguma compreensão das realidades que me cercam, destrinchá-las, reconstituí-las e, claro, me tranquilizar com que creio que já sei. Talvez neste texto consiga algo próximo disso.

A Reforma do Estado brasileiro e do Ensino Médio

Igualmente difícil de compreender é um outro processo, que, espantosamente, andou paralelamente à Olimpíada, tendo como ano-referência 2013, ano também, pasmem, da I Olimpíada de Filosofia Estadual do Rio de Janeiro, que se deu na Escola SESC, na cidade do Rio de Janeiro. Evidente que estou me referindo às manifestações de junho de 2013, que não iniciaram, nem muito menos concluíram qualquer processo, mas que são marcos na transformação profunda pela qual o Estado e a sociedade brasileiros passaram nos últimos anos, culminando, no que concerne ao campo da educação, na implementação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) em 2018 e, mais particularmente, na mais recente Reforma Ensino Médio – etapa da Educação Básica na qual o maior público da Olimpíada atua, como estudante ou professor(a). Surpreende ler agora em dezembro de 2021, depois de nos habituarmos com pós-verdades, *fake news* e mentiras públicas descaradas e naturalizadas, o relato de Lara Sayão Ferraz (2020, p. 116-117) de que nessa primeira edição da Olimpíada, que girou em torno da temática do conhecimento, teve Maurício Langon na Conferência de Abertura perguntando sobre a verdade, o que é, se alguém a tem, sua relação com a escrita e com o conhecimento. Parece até uma antecipação de algumas das mais importantes preocupações dos tempos vindouros. Coincidência? Talvez não. De alguma maneira este dois acontecimentos paralelos se entrelaçam, se encontram e se relacionam. De que modo? Creio que disputando espaço.

Sobre o que foram as manifestações de 2013, nem me atrevo a tentar responder com precisão. O que tenho delas hoje não passa de desconfianças, dúvidas e poucas intuições. Talvez seja cedo para um diagnóstico. Sei que tem muita gente séria tentando entendê-las¹. Uma das intuições que tenho é que nelas alguns dos conflitos presentes na sociedade brasileira, como o conflito de concepções de Estado por exemplo, foram se apresentar, finalmente, nas ruas, nas praças, nas avenidas. Por isso, tanta gente protestando, tanta diversidade de gritos indignados e bandeiras, tantos atores políticos e econômicos intervindo e, claro, por isso tanto confronto entre os próprios manifestantes! Foi um marco na história do Brasil sobre o qual ainda teremos muito sobre o que

¹ Vale a leitura do interessante livro de Wallace Santos: “2013: Revolta dos governados”.

investigar. Um momento que desestabilizou as instituições e poderia nos levar a caminhos dos mais diversos. Acabou nos levando para o bolsonarismo e às reformas neoliberais do Estado, da educação e do Ensino Médio brasileiros.

Sobre o Estado em seu sentido mais amplo, podemos dizer que de lá até aqui ele foi reconfigurado, ganhando primazia uma compreensão que acompanha o debate público brasileiro desde a sua redemocratização em 1988. Depois da destituição injustificável, em 2016, de uma presidenta eleita, estamos no segundo presidente da República seguido comprometido em reformá-lo, entendendo-o sempre como grande demais, travado, muito caro, pesado, pouco eficiente e engessado. É partindo desta compreensão que vimos em 2017 uma importante reforma nas leis trabalhistas do país e em 2021 uma nova tentativa de reforma, desta vez frustrada, visando intensificar o que já fora mudado em 2017. Vale salientar que ambas apontam para uma mesma direção, o da desobrigação (ou, no jargão midiático-econômico, da flexibilização ou da desoneração) do empregador de cumprir as leis trabalhistas já consolidadas. Assim, “flexibilizou-se” a jornada diária de 8h; o usufruto de férias em 30 dias corridos; e até a necessidade do contrato de trabalho com direitos como férias e 13º salário garantidos – já que o trabalho agora pode ser intermitente ou simplesmente terceirizado –, dentre outras mudanças no mesmo caminho.

É neste bojo que vimos a aprovação da Reforma da Previdência em 2019 que, prometendo novamente uma desoneração para aumentar a empregabilidade, entregou uma nova idade mínima para que se possa aposentar, aumentada em cerca de 5 anos nas várias categorias de tempo de trabalho; o fim da aposentadoria por tempo de trabalho antes da idade mínima; um aumento na contribuição financeira mensal dos trabalhadores para o sustento de sua aposentadoria, além de outras mudanças. Temos acompanhado ainda toda uma discussão sobre reforma administrativa e tributária sempre com a promessa de “diminuir o peso do Estado brasileiro das costas do empregador”, para, supostamente, de novo aumentar a empregabilidade, mas sempre apontando para a precarização das condições de trabalho no setor privado e público; para a desobrigação de empresas e empregadores com relação aos direitos adquiridos dos trabalhadores; para a desvinculação formal, mas não na prática, entre empregadores e trabalhadores, que, agora vistos como parceiros, colaboradores, prestadores de serviço, foram alçados a empreendedores, responsáveis por gerir o seu próprio negócio, seu próprio CNPJ, cujo único produto comercializado é ele próprio,

seu tempo e sua força de trabalho, sem direitos ou garantias assegurados nesta nova relação.

No que diz respeito às transformações ocorridos na educação básica e, em particular, no Ensino Médio, pode-se dizer que é justamente neste mesmo sentido que elas se dão. A aprovação do Novo Ensino Médio em 2017 e a implementação da BNCC em 2018 trouxeram de volta a ideia de que a Educação Básica, principalmente em seus últimos anos, necessita ser organizada para responder mais adequadamente ao que é requerido pelo mercado de trabalho. Mas, diga-se de passagem, não qualquer mercado de trabalho. Precisamente aquele reordenado pelas reformas estruturais citadas acima. Nesta nova conformação, a própria educação é vista como um pequeno mercado no qual os estudantes e seus responsáveis podem “consumir” o produto que melhor atenda às suas preferências e, claro, às suas possibilidades de “compra”. Perdeu-se pelo caminho o direito universal a uma educação de qualidade igual.

E o que este “produto a ser consumido” oferece aos seus “consumidores” é a promessa de desenvolvimento de habilidades e competências – termo importado do campo da administração e que passou a organizar os currículos nacionais. Vale lembrar que por competências, a BNCC em sua introdução define como “a mobilização de conhecimentos (conceitos e procedimentos) habilidades (práticas, cognitivas e socioemocionais), atitudes e valores para resolver demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho”. A ideia é que, após receber o quinhão que pode “comprar” de competências, o estudante esteja capacitado a resolver ou encaminhar os problemas que lhe cabem, que estão em seu campo de atuação. É aqui que se insere a ideia dos itinerários formativos² determinados no Novo Ensino Médio, que derivou da Reforma supracitada. Dentro de seu campo de ação, esta pessoa formada será capaz de atuar com inteligência, possibilitando-lhe ser polivalente

² Conforme o texto do Novo Ensino Médio (Lei n. 13415 de 16 de fevereiro de 2017), art. 36, “o currículo do Ensino médio será composto pela Base Nacional Comum Curricular e por itinerários formativos”. Assim, a BNCC será a base igual da formação e os sistemas de ensino comporão arranjos curriculares para oferecer um dos cinco itinerários elencados (ou uma integração deles) no texto da lei aqui citada: “I – linguagens e suas tecnologias; II – matemática e suas tecnologias; III – ciências da natureza e suas tecnologias; IV – ciências humanas e suas tecnologias; formação técnica e profissional”. Vale salientar que este último itinerário, o quinto, conforme o mesmo texto, pode ser oferecido por empresas e nas empresas, com profissionais sem qualificação, mas com notório saber.

dentro de seu escopo, versátil. Em suma, mais empregável, mas apenas dentro daquele escopo e enquanto aquele escopo de atuação necessitar de seu trabalho.

A pessoa competente, vale dizer, é aquela que aprende a fazer, a realizar. Pode prescindir de conteúdos, por isso a diminuição de carga horária nos currículos da Formação Geral Básica, agora limitada a 1800 horas no Ensino Médio, e a não obrigatoriedade de diversos componentes curriculares, inclusive o de filosofia. É o tecnicismo que toma o lugar da formação geral. O indivíduo agora é capaz de resolver problemas técnicos, pode se adaptar melhor ao seu entorno, ou às variações e caprichos do mercado no momento imediato presente. O indivíduo – e falamos aqui principalmente, mas não exclusivamente, daquele que não tem condições práticas para “comprar” os itinerários ou os projetos de vida acadêmicos e científicos – torna-se um instrumento adaptável e com maior empregabilidade pelo mercado. As desigualdades sócio-econômico-político-culturais são, enfim, perpetuadas.

Neste mercado neoliberal, a(o) estudante aos 14 ou 15 anos decide o seu “projeto de vida”, entendendo-se desde já como uma empresa S/A em construção. Ele ou ela empreenderão. E empreenderão pelo máximo de tempo possível, pelo máximo de horas possíveis por dia, pelo máximo de dias por ano, começando o mais jovem possível e indo até que a velhice não lhe permita mais. Atuarão num mundo sem o peso de um Estado a carregar, mas também sem direitos ou garantias, afinal eles e elas não são mais pessoas físicas. Precisarão sobreviver jogados à sua sorte e à sua capacidade de adaptação sempre rápida requerida pelo mercado de trabalho e de seus empregadores, que, apesar dos lucros que obtêm com a contratação de seu trabalho, nada têm de se responsabilizar com a manutenção de seus direitos e garantias. Como a relação é de prestação de serviços, quando o “colaborador”, ou esta mão-de-obra não se adapta mais, porque é velha, porque ficou doente, engravidou, porque reclama da baixa remuneração, o contrato de prestação de serviço é interrompido, sem ônus de Fundo de Garantia e outros inconvenientes, e cada “CNPJ” retorna ao mercado em busca de novos parceiros.

É nesta lógica neoliberal sobre a qual se reorganizou o Estado brasileiro e, como consequência, a sua Educação básica e o seu Ensino Médio. A regra é cada um por si e que vença o mais forte. É um vale tudo. Não há qualquer consideração sobre situação social ou econômica de partida das(os) jovens que, a partir de agora, deverão conceber e desenvolver por conta própria os seus “projetos de vida”; que serão os únicos responsáveis por seu sucesso ou fracasso; e que não podem mais contar com uma

instância, o Estado, que deveria se preocupar com a justiça social e em amparar os mais vulneráveis.

A viagem das Olimpíadas até a sua chegada à Ilha de Paquetá

Enquanto tudo isso acontecia ao Estado brasileiro e à educação básica nacional e, em especial, a de nível médio, a Olimpíada de Filosofia do Estado do Rio de Janeiro acontecia teimosamente a cada ano e, sustentando uma postura desobediente em relação a toda esta lógica, aumentava, ganhava mais corpo e força. É assim que de 2013 até 2021 se deram 9 edições.

Abro um parêntesis aqui para falar sobre a 10ª edição, a de 2022. Há algumas perguntas que pairam sobre ela como por exemplo: onde e como será; se presencial ou não; quem participará; qual será o seu tema e muito mais. Creio que não há quem possa responder estas questões e outras sobre tal edição agora em dezembro de 2021. E se dar conta disso é importante para compreender o caminho para o qual aponta este acontecimento anual que é esta Olimpíada. Sua organização não se dá de cima para baixo, por vontade unilateral de alguém. É uma construção na qual as pessoas, as circunstâncias, os lugares e outros atores falam. Como sabemos, há uma indefinição sobre como estará o mundo, a vida, o Brasil, o Rio de Janeiro, a educação e a filosofia no ano que vem e esta mesma indefinição, como não poderia ser diferente, paira em torno da Olimpíada de Filosofia. Mas, importante ressaltar, não creio ser este o único motivo para tal indefinição e nem mesmo o principal motivo. Não é possível responder às questões acima porque, como já dito, a lógica de funcionamento da Olimpíada é outra, diferente da lógica que nos faz engolir o Novo Ensino Médio, a reforma trabalhista ou a PEC do teto de gastos³. A lógica da Olimpíada é a da construção coletiva que dialoga democraticamente com o lugar que a acolhe, reverenciando-o, e com o que nos angustia no presente como terrestres, pessoas humanas, brasileiras, brasileiros estudantes, negros, mulheres etc.

A pandemia do COVID-19 e suas consequências é mais um ator que precisará ter espaço de fala na definição dos caminhos que percorreremos de agora em diante. Podemos nós, com ele, nos aprofundarmos numa vida configurada pelo neoliberalismo

³ PEC do Teto. http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/emendas/emc/emc95.htm.

selvagem, que nos joga para a solidão, para a competição de todos contra todos e o egoísmo? Ou será que nos deslocaremos em busca de encontros, de troca e solidariedade, nos levando a caminhos inimagináveis que ainda necessitam de criação coletiva? A Olimpíada de Filosofia do Estado do Rio de Janeiro já fez sua escolha desde a primeira edição e ela nada tem a ver com a escolha tomada pelo Estado brasileiro nos últimos anos, muito pelo contrário. Quando olhamos para o seu percurso até aqui, percurso este construído sempre em paralelo, como resistência e em disputa com um outro oficial, estatal e muito fortalecido sobretudo desde as manifestações de 2013, percebemos que ela nos lembra que o neoliberalismo não é a nossa única opção e nem muito menos a nossa melhor opção.

Voltando às edições da Olimpíada, até o momento, 2021, já foram 9 edições anuais ininterruptas desde aquela de 2013 na Escola SESC, na cidade do Rio de Janeiro. Foi uma grande viagem, como caracteriza Lara Sayão Ferraz⁴, viagem na qual, acrescentemos, tudo e todos (professoras, professores, estudantes, conhecimento, aula...) que costumam estar muito bem acomodados num lugar bem específico que é a escola saíram para a rua, pegaram o ônibus, a barca, o carro, a bicicleta, contaram dinheiro, levaram colchão nas costas e desembarcaram num ambiente desconhecido a ser investigado e descoberto junto com um monte de outras pessoas também desconhecidas. Assim, gente de escola privada e pública, de universidade e de fora dela, de diversas cidades do Estado do Rio de Janeiro e algumas pessoas de fora dele (e até de fora do país), gente diferente e igual, se lançou nos últimos anos a lugares bastante diversos. Em 2014 foram em direção à cidade de Rio das Ostras, ocupando na cidade por um dia clube, escola, igreja, praia e praça. Em 2015 foram para o Colégio Militar, de novo na cidade do Rio de Janeiro e ocuparam esta escola.

Em 2016, o lugar escolhido foi Búzios e com a novidade do pernoite. O evento já não cabia mais em apenas um dia, tal como ocorreu nas três primeiras edições, passou então para dois dias – e uma noite. Dialogando com as ocupações de escolas⁵ que aconteceram em todo o país durante aquele ano de 2016, escolas de Búzios foram ocupadas não para aulas formais, não como o lugar das reivindicações, mas para se passar a noite, para as trocas entre estudantes, professores e professoras, para refeição...

⁴ Cf. FERRAZ (2020, p. 116).

⁵ Sobre as Ocupações, vale assistir o documentário “Espero tua (re)volta, lançado em 2019, que faz uma boa apresentação das Ocupações que aconteceram em 2016 pelo país.

Enquanto a maioria dos deputados golpeava a democracia brasileira destituindo de modo indevido uma presidenta eleita legitimamente e o Estado brasileiro finalmente acelerava para a direita, para um rápido processo de reformas neoliberais, enquanto a PEC do Teto de Gastos Públicos era apresentada e os gastos com educação e saúde ficavam engessados por 20 anos; enquanto várias versões de Projetos de Lei do Escola sem Partido⁶ eram apresentados nas Câmaras municipais, estaduais e federal; enquanto a Medida Provisória 746 era apresentada para reformar o Ensino Médio e a filosofia corria o risco de sair do currículo escolar⁷; enquanto tudo isso acontecia, a Olimpíada de Filosofia ganhava potência e volume, precisava de mais um dia e se espelhava na rebelião de estudantes secundaristas, que se impunham como atores políticos, com voz na escola e no país, reivindicando que o espaço escolar não fosse mais aquele do autoritarismo, mas o da apropriação compartilhada afetiva e politicamente.

A edição seguinte foi em Petrópolis. O ano foi 2017. Foi a minha primeira Olimpíada, como já dito acima. Com o tema “Filosofia, Para quê?”, ela nasceu com o intuito de dar conta, como nos relata Lara Sayão Ferraz (2020, p. 133), “da demanda da discussão sobre a presença da disciplina nos currículos no Ensino Médio no Brasil”. Ou seja, todo um movimento no país nos jogando completamente na lógica do empreendedorismo, do individualismo sustentado sobre o cada um por si e a Olimpíada de Filosofia de novo tensionando, fazendo resistência e, ao mesmo tempo, ganhando mais corpo, mais volume. Foram quase 900 pessoas inscritas! E os dois dias – e uma noite – já pareceram pouco. A Olimpíada de novo deu seu recado.

Em 2018, a parada foi em Volta Redonda e a esta altura o bolsonarismo já era realidade. E sobre que temática girou a Olimpíada? Frente ao receio de uma política estatal, com amparo social, de ódio à diversidade, ela se organizou tematizando a diferença e a diversidade, oferecendo espaço para as outras vozes que em geral são negligenciadas, apagadas, nem consideradas. Assim, protagonistas nesta edição foram as filósofas, as vozes de negros e negras, os operários grevistas de 1988 que ousaram se interpor à poderosa Companhia Siderúrgica Nacional (CSN), ato simbolicamente repetido pela Olimpíada que não aceitou calar estas vozes, quando a CSN ameaçou

⁶ Cf. PENNA e SILVA (2016).

⁷ A Medida Provisória 746 de 2016 foi convertida em lei federal (Lei n. 13.415, de 16 de fevereiro de 2017). Cf. BRASIL, Reforma do Ensino Médio.

retirar o apoio que havia prometido (e o fez) ao saber que esta memória da greve seria reavivada.

Enfim, em 2019, o desembarque foi em Paquetá, a última edição antes da pandemia e suas consequências. Sobre ela é que nos concentraremos um pouco mais para desenvolver a hipótese de que a Olimpíada de Filosofia representa, diferente do que parece à primeira vista, não um reforço mas uma concretização prática da alternativa à estruturação de mundo individualista, competitivo, egoísta e neoliberal. Vale registrar que nestes dois últimos anos de pandemia, 2020 e 2021, a Olimpíada não se intimidou e manteve suas edições em formato online, edições interessantes demais que precisam de análise específica.

Desembarque em Paquetá: escola, família e comunidade, tudo isso junto e misturado

Em 2019, a Olimpíada de Filosofia aconteceu em Paquetá, ilha localizada no fundo da Baía da Guanabara. O tema desta edição foi a Felicidade, traduzido na questão: “A felicidade é uma ilha?”. Foram dois dias, duas noites e mais uma manhã de Olimpíada. A maior parte do grupo de estudantes, professoras e professores acampou no Clube Municipal de Paquetá, clube centenário desta Ilha. Uma outra parte significativa do grupo que participou desta edição, incluindo palestrantes, ficou hospedada gratuitamente na casa de moradores de Paquetá que ofereceram quartos, salas, camas, quintais, jardins, banheiros etc.

Os moradores de Paquetá – além de minha família e de mim, claro – acabaram se engajando na construção desta edição desde os preparativos até a conclusão do evento. Nas semanas e dias que antecederam a Olimpíada, o meu esforço e de minha companheira Thaiza, que se envolveu e foi envolvida pelo evento desde o momento em que ele era só uma ideia distante, foi de expressar para as pessoas o que nós esperávamos que aconteceria no evento e, como poderíamos imaginar, ninguém entendia muito bem do que se tratava, mas nosso entusiasmo acabava contagiando boa parte dos nossos vizinhos e amigos ouvintes, gente que em sua esmagadora maioria não tinha qualquer relação formal com a filosofia ou com a educação básica, mas que com o passar do tempo ia tomando para si cada vez mais atribuições e responsabilidades para que tudo acontecesse da melhor maneira possível.

Foi neste espírito que se convenceram os diretores do Clube Municipal de Paquetá a receber por um preço baixo mais de duas ou talvez mais de três centenas de estudantes e professores que acampariam em suas não tão grandes dependências, que usariam seus banheiros, restaurante, quadra e impediriam por três dias qualquer outra atividade no clube. Foi assim que telefonando e conversando, um a um, com amigos e vizinhos com casas um pouco mais espaçosas foram surgindo quartos para hospedagem gratuita de convidados e grupos de estudantes com professores. Para se ter uma ideia do que aconteceu, uma vizinha nossa, por exemplo, ficou com 15 pessoas em sua casa, espalhando gente em todos os espaços! Assim também foram surgindo doações: 100 pães de uma padaria, mais 50 de outra com manteiga e frios, frutas de um mercado, melancia, bananas, café, muito café doado e feito por Thaiza com mais 4 pessoas que se disponibilizaram por conta própria a fazer isso, passar manteiga nos pães, gente que fez garrafas, sim garrafas, de chá mate adoçado e gelado, água, muita água doada e comprada, equipamentos de som... muita gente que doou dinheiro para cobrir os custos inevitáveis, que doou seus trabalhos técnicos e artísticos. Lembro do casal que doou seus trabalhos profissionais, Conceição Campos, artista e contadora de história, que fez uma contação de história linda à luz de uma fogueira na praia, e Pedro Amorim, cantor, compositor e bandolinista que nos ofereceu um show excepcional seu. Por alto é possível dizer que quase uma centena de pessoas acabaram sendo mobilizadas, umas mais outras menos, dentre os moradores de Paquetá, seja doando ou emprestando equipamento, trabalho, espaço de casa, espaços pro evento, dinheiro e por aí vai. Gente que doou e, diga-se de passagem, participou do evento também: assistiu as atrações, fez oficina, dançou no gramado do parque, se misturou com estudantes e professores...



Show de Pedro Amorim (Casa de Artes, dia 19/10/2019)⁸

Foi assim também que os espaços para o evento foram surgindo. Para além dos espaços públicos, isto é, a praia de São Roque, o Coreto, a Praça Pedro Bruno, a Praça XV, o Parque Darke de Mattos, as ruas; os espaços privados utilizados oficialmente foram quatro: o Clube Municipal de Paquetá, o Ateliê Márcio Ferreira, a Casa de Artes de Paquetá e a Casa de Cultura José Bonifácio, todos gratuitamente oferecidos e com toda a infraestrutura que estes lugares já tinham. Vale dizer que a recepção destes espaços quando fizemos os pedidos para acolher a Olimpíada foi muito boa desde o início. Nenhuma barreira foi levantada por eles, só colaboração e animação com o evento.

Interessante, contudo, contar dois dos “nãos” que recebemos quando batemos à porta em busca de apoio para a Olimpíada. O primeiro dos administradores da única escola existente em Paquetá, nossa escola pública, para os quais pedimos que liberassem alguns espaços para que os estudantes e professores pudessem passar as duas noites, além de usar auditório e outras dependências – incluindo, evidentemente, a Olimpíada nas atividades pedagógicas daquele ano da escola. Primeiro a direção da escola informou que não poderia liberar ou participar de modo algum do evento sem a autorização da 1ª CRE (Coordenadoria Regional de Educação que administra as escolas desta região da cidade do Rio de Janeiro, cidade na qual Paquetá é um bairro). E a 1ª CRE, por sua vez, dificultou o que pode. Não negou, mas não viabilizou. Por

⁸ Todas as fotografias utilizadas neste texto são de acervo próprio.

impossibilidade de continuar um processo muito trabalhoso, desistimos. O segundo “não” significativo que recebemos veio da CCR, o grande e rico consórcio que administra as barcas responsáveis pela travessia Praça XV-Paquetá e Paquetá-Praça XV, a única que temos para entrar e sair de Paquetá. Pedimos que as passagens de quem viesse para o evento fossem gratuitas. Com isso, divulgaríamos o apoio recebido. Recebemos “nãos” de mais de um dos seus departamentos internos e, claro, desistimos.

O que já havia acontecido com a CSN em Volta Redonda se repetiu, em certo sentido, com a CCR e com a escola. Não sabíamos, mas agora sabemos: a maior parte do poder público institucionalizado e do grande poder privado se alinha infelizmente não com projetos como este que apontam para o lugar político que quer falar sobre e oferecer espaço de fala para estudantes diversos e misturados, favelados, negros, mulheres, minorias políticas, povos originários, grevistas, onde todos estão falando não de um púlpito, expressando autoridade sobre os outros, mas de frente, como pessoas iguais. O projeto deles é outro, aquele para o qual lamentavelmente o país caminhou durante todo o período já retratado neste texto. Por isso, nos fecharam as portas. Por isso, que bom, nos fecharam as portas! A Olimpíada não coaduna com o projeto neoliberal. E desobediente de novo a esta lógica, ela se impõe, fazendo uma atividade dentro da barca, no caminho de chegada a Paquetá, sendo o primeiro, o de abertura desta edição, na sexta, dia 18 de outubro, na viagem de 8:30h da manhã, com o título que hoje poderia soar até como um pouco provocativo, embora não tenha sido a intenção nem por um momento: “Navegar é preciso?”.

Nem todos conseguiram chegar a tempo de pegar esta barca tão cedo, 8:30h da manhã na Praça XV. E isso por acaso colocou quem chegava em contato com uma experiência muito presente de quem mora em Paquetá: o sentimento de angústia com a possibilidade de perder os horário de embarque e a eventual, mas cotidiana, perda deste horário. Já no início do evento, os laços de empatia se estabeleciam entre os moradores e os participantes da Olimpíada. A mágica da Olimpíada já havia começado mesmo antes da chegada a Paquetá.

Os que conseguiram chegar a tempo na Praça XV e embarcar foram recebidos na Praça Pedro Bruno, em Paquetá, sendo encaminhados para os seus lugares de hospedagem, para o Clube Municipal e para as casas que abriram as suas portas. Este foi um dia intenso de atividades e trocas. O grupo desembarcou por volta das 10h em Paquetá e às 10:30h já havia um primeiro encontro, no Ateliê Márcio Ferreira.



Ateliê Márcio Ferreira (dia 18 de outubro de 2019)

Encaminhados ao Ateliê para a acolhida oficial do evento, algumas pessoas ainda com suas malas, participamos do encontro que ganhou como título “A Felicidade é uma Ilha?”, que foi o tema desta edição, como já dito acima. Neste, tivemos uma roda de conversa com duas moradoras ilustres de Paquetá, Cristina Buarque e Mirian Maia. Elas contaram um pouco desta experiência que é morar nesta ilha, perto e longe do centro do Rio, da confusão e das conveniências de metrópole. A conversa correu como uma prosa sem tempo, coisa comum de lugares pequenos como Paquetá é. Conversamos muito sobre a relação entre felicidade e comunidade, metrópole e individualismo. Depois desta conversa fomos para o almoço.

O evento seguinte marcado às 14h foi artístico, fazendo-nos mexer o corpo, nos tocar e sorrir. Dançamos um Coco de roda, promovido pelo morador e professor de dança da UFRJ, Renato Mendonça Barreto. No mesmo lugar em que mensalmente Renato promovia o coco de roda, no gramado em frente ao Parque Darke de Mattos, seu projeto de extensão na universidade onde leciona, aconteceu esta dança que gerou uma roda imensa de gente sorridente que, sabendo ou não, reverenciava com esta enorme roda a imigração nordestina e negra muito presente nos dias atuais e passados de Paquetá. Foi lindo! Saímos leves e ensopadas(os) de suor para as oficinas que foram oferecidas, ato contínuo, dentro do Parque Darke, espalhadas pelo gramado, cavernas, coreto, teatro de pedra...

COUTO, Leonardo
Olimpíada de Filosofia em Paquetá: contraposição prática ao Novo Ensino Médio

Do parque, fomos todos e todas para a Casa de Cultura José Bonifácio onde foi preparada uma recepção com um grande lanche, aquele sobre o qual comentei mais acima. Muita banana, café, água, mate e sanduiches e gente de Paquetá na produção com Thaiza coordenando os trabalhos, ah, e muito emocionada vendo toda aquela loucura dando certo, vendo a surpresa de cada grupo que ia chegando faminto e suado ao se deparar com tudo aquilo que lhe esperava. Depois do lanche, de água, banheiro e uma revigorada, entramos todos e todas numa grande experiência, numa grande viagem conduzida por Ailton Krenak, que nos fez lembrar que nem o outro nem a terra que nos acolhe podem ser tomados como meros objetos, meras coisas completamente separadas de nós, como apenas meios para o nosso bem estar. Tudo isso nos constitui. Lembrou isso nos pondo frente-a-frente e literalmente face-a-face com a terra.



Ailton Krenak na Casa de Cultura José Bonifácio (dia 18 de outubro de 2019)

Ainda assimilando toda esta experiência que, na verdade, precisaria de tempo para que pudéssemos realmente tomar ciência e acomodar dentro de si, partimos no mesmo espaço para a recepção realizada pelo CINECLUBE PQT, nosso cineclube de Paquetá, dos curtas produzidos pelas(os) estudantes e escolas presentes à Olimpíada. O cineasta Zeca Ferreira e o artista plástico Valter Lano, moradores de Paquetá, conduziram esta atividade, que iniciou por volta das 19h. Os filmes foram apresentados pelas(os) estudantes e comentados pelos convidados com as pessoas presentes. Por volta das 21h, depois de um tempo para jantar e banho rápidos, caímos todos e todas no forró com o grupo paquetaenseForrozeá. O dia começou cedo e terminou tarde, mas muito feliz e cheio de coisas para serem assimiladas.

Foi um dia em que Paquetá recebeu a Olimpíada. Os moradores se organizaram e organizaram os espaços, as acomodações de quem nos visitava, prepararam o lanche, a logística, receberam quem veio chegando durante o dia na barca, coordenaram e promoveram praticamente todas as atividades deste primeiro dia. A Ilha de Paquetá acolheu a Olimpíada de braços abertos.

No segundo dia, sábado dia 19 de outubro, é interessante notar que o movimento foi inverso. Quem coordenou a maior parte das atividades não foram moradores de Paquetá, mas quem a Olimpíada trazia consigo. O dia também começou cedo, por volta das 9h da manhã, no Ateliê Márcio Ferreira. Aline Rochedo Pachamama conduziu, junto com Karlene Pires Guarani uma conversa sobre o conceito de felicidade. Fomos instigadas(os) a lembrar com estas duas representantes de povos originários que o vivido e o pensado estão mais juntos do que normalmente estamos acostumamos a crer, estão muito mais juntos do que quando tomamos a felicidade como um conceito, como um objeto estanque a ser investigado por um observador externo, nós, os sujeitos. Depois desta atividade, ainda neste espaço, foram formados grupos de estudantes, misturando as escolas, grupos que ficaram com a incumbência de elaborar reflexões sobre os textos trazidos pelas(os) próprias(os) estudantes. Os grupos ficaram de se reunir às 17h daquele mesmo dia e as apresentações ficaram marcadas às 21h, na praia de São Roque, naquela noite ainda.

COUTO, Leonardo
Olimpiada de Filosofia em Paquetá: contraposição prática ao Novo Ensino Médio



Aline Pachamama (Ateliê Márcio Ferreira, dia 19 de outubro de 2019)

Às 14h, após o almoço, fomos para a Casa de Artes de Paquetá. Lá Lara Sayão Ferraz, já citada neste texto, uma das idealizadoras e realizadoras de tudo isso desde 2013, recebeu para uma roda de conversa sobre samba e felicidade Pedro Amorim, músico e morador de Paquetá, Marília Trindade, Felipe Filósofo, Wallace Lopez, Rachel Valença, a velha guarda da Mangueira e Noca da Portela. A conversa foi longe, de felicidade à tristeza, e de contos e cantos, rimos e refletimos um tanto sobre felicidade, política, Brasil e, claro, sobre o nosso samba. Isso para logo depois, por volta das 16h, sermos embalados pela cadência boa de Pedro Amorim, que nos ofereceu um show daqueles maravilhosos! Tem foto lá em cima.



Roda de conversa “Sambando eu mando a tristeza embora...”
(Casa de Artes de Paquetá, dia 19 de outubro de 2019)

COUTO, Leonardo
Olimpíada de Filosofia em Paquetá: contraposição prática ao Novo Ensino Médio

Já à noite, por volta das 19h, depois que os grupos se reuniram pelo coreto e pela praia de São Roque, Conceição Campos, escritora e contadora de história, moradora de Paquetá, nos presenteou com contos de assombração, à luz de uma fogueira na areia da praia de São Roque. E em seguida, nossa noite terminou com os grupos se apresentando na mesma praia até tarde da noite. Terminamos exaustos, mas novamente muito felizes e já íntimos de pessoas que havíamos conhecido no dia anterior. A esta altura, Paquetá e a Olimpíada já era uma coisa só. E a troca entre as duas já havia sido efetuada, cada uma oferecendo o que tinha de melhor para a outra, tal como fazemos numa relação onde as duas partes envolvidas se consideram igualmente importantes e dignas das melhores considerações. As duas mostravam na prática como dois atores políticos que se respeitam devem se relacionar.

No terceiro dia, domingo dia 20 de outubro, com as trocas já realizadas, com a relação já estabelecida, o momento e o clima eram de despedida. No fim, toda as atividades de fechamento se concentraram no Clube Municipal, onde a maior parte dos participantes estava hospedada. Um misto de emoção e alegria geral se misturavam. Nas falas de encerramento isso apareceu bastante.



Clube Municipal de Paquetá (domingo, 20 de outubro de 2019)

A maior parte do grupo foi embora na barca que partiu de Paquetá às 10:30h da manhã. Uns poucos remanescentes ainda ficaram ou para almoçar ou para a roda de samba promovida naquela tarde, como atividade pós-olímpica, por Cristina Buarque, Oscar Bolão e Pedro Amorim na Casa de Artes.

Lembro que nesta tarde, depois do almoço, passei de bicicleta com minha companheira e minha filha e o clima era de êxtase, cansaço e alegria. As pessoas nos paravam na rua com sorrisos abertos para comentar o que viram e viveram, para falar como foi incrível este encontro, para contar causos vividos, para perguntar se ano que vem teríamos outro em Paquetá e o que já poderíamos antecipar. Até hoje vez e outra vem gente lembrar de alguma coisa deste evento que foi um marco, isso entre adolescentes que eu nem conhecia em Paquetá e que se enturmaram com outros que chegaram com a Olimpíada e entre os amigos e vizinhos. A Olimpíada mexeu com Paquetá. E creio que a recíproca é verdadeira.

Considerações Finais

O que de tão especial aconteceu neste encontro da Olimpíada de Filosofia do Estado do Rio de Janeiro com Paquetá? Ao se aproximar um evento eminentemente pedagógico do dia-a-dia e do espaço vivido efetivamente de uma comunidade, creio que aconteceu nada mais nada menos do aquilo que está previsto na Constituição de 1988, a educação se apresentou efetivamente como “promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (BRASIL, 1988)”. Afinal, lembrando agora a Lei de Diretrizes e Bases (LDB), art. 1º, ela, a educação, “abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais”, sendo (art. 2º.) “dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, [...] [e tendo] por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”.

A educação básica, assim, não pode ser entendida, por princípio, como um mercado onde o poder de compra divide quem está em formação, diferenciando-os por habilidades e competências que, por sua vez, se reverterão no futuro no reforço das desigualdades sociais, econômicas, políticas e culturais já existentes num país tão desigual como o Brasil. Ela precisa visar combater estas desigualdades, promover o encontro, a colaboração e a solidariedade. Ela precisa seguir o que a própria LDB já determina e persegue nos seus artigos iniciais. Seu papel primordial portanto não pode ser atender as demandas do mercado para aumentar empregabilidade. Seu foco não pode

COUTO, Leonardo
Olimpíada de Filosofia em Paquetá: contraposição prática ao Novo Ensino Médio

ser outro senão o desenvolvimento de todos os educandos e de todas as educandas. Se deixarmos que o mercado determine o perfil dos egressos da educação básica cada vez mais teremos uma formação conveniente para ele, mas precária para a maioria das pessoas.

É neste sentido que a Olimpíada de Filosofia oferece um outro caminho, uma alternativa diferente para a organização do Ensino Médio, para a Educação básica e para o próprio Brasil. Ela aponta para uma formação geral, compartilhada com a sociedade, envolvendo as comunidades que a compõe. Ela ensina na prática como a educação pode ser articulada (LDB, art. 12º, VI) “com as famílias e a comunidade, criando processos de integração da sociedade com a escola”. Vivemos esta experiência em Paquetá. Vivemos a experiência de uma educação potente, que nos afeta e emociona, solidária, na qual escola e comunidade se mostram como duas partes de um mesmo todo, dois componentes que se fortalecem dentro de um mesmo processo de empoderamento político, econômico, social e cultural de pessoas diferentes e iguais.

Que a Olimpíada de Filosofia e muitas outras experiências lindas como ela nos ajudem a escapar do neoliberalismo!

Referências Bibliográficas:

ABÍLIO, Ludmila Costhek. “Uberização e juventude periférica: Desigualdades, autogerenciamento e novas formas de controle do trabalho”. **Novos Estudos CEBRAP**, Edição 118, v. 39, n. 3, p. 579-597, set-dez. 2020.

BRASIL. **Constituição** (1988). Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm

BRASIL. **Reforma do Ensino Médio**, Lei nº 13.415 de 16 de fevereiro de 2017. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/113415.htm.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Brasília, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf

COUTO, Leonardo

Olimpíada de Filosofia em Paquetá: contraposição prática ao Novo Ensino Médio

BRASIL. **PEC do Teto de Gastos Públicos**, Emenda Constitucional nº 95, de 15 de dezembro de 2016. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/emendas/emc/emc95.htm.

BRASIL. **Reforma da Previdência**, Emenda Constitucional nº 103, de 12 de novembro de 2019. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/emendas/emc/emc103.htm.

BRASIL. **Reforma Trabalhista**, Lei nº 13.467, de 13 de julho de 2017. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2017/lei/113467.htm.

Brasília: MEC, 2018. BRASIL. Resolução CNE/CEB nº. 3, de 21 de novembro de 2018 - **Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio**. Brasília: MEC, 2018.

Brasília: MEC, 2021. BRASIL. Resolução CNE/CP nº. 1, de 5 de janeiro de 2021 - **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Profissional e Tecnológica**. Brasília: MEC, 2021.

ESPERO TUA (RE)VOLTA. Direção: Eliza Capai. Produção de: Mariana Genescá. Brasil: Taturana, 2019.

FERRAZ, Lara S. L. A. **Olimpíadas de filosofia do Rio de Janeiro: o pensamento na roda**. Rio de Janeiro: NEFI, 2020 (Coleção Teses e Dissertações; 12).

PENNA, Fernando e SILVA, Renata da C. A. da. [As operações que tornam a história pública](#). In: MAUAD; RABELO; SANTHIAGO. **História pública no Brasil: sentidos e itinerários**. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

SANTOS, Wallace de M. **2013: revolta dos governados**. 2. Ed. Rio de Janeiro: WSM Edições, 2018.